

LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA: CAMINHO PARA A DIVERSIDADE?

CHILDREN'S LITERATURE AT SCHOOL: A WAY FOR DIVERSITY?

Juliana Fogaça Pirola¹

Eloisa da Rosa Oliveira²

RESUMO: Investigar o potencial dos livros infantis contemporâneos – *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado e *Bom dia todas as cores* de Ruth Rocha – para utilização em abordagem e problematização do tema diversidade foi o objeto geral de estudo desta pesquisa que se orientou pelos seguintes objetivos específicos: refletir sobre a importância da escola nos debates sobre diversidade com foco na formação de uma sociedade menos segregadora; investigar sobre as possibilidades do trabalho com a literatura na formação da criança preparada para o mundo da diversidade; refletir sobre a forma que a temática diversidade aparece nas obras selecionadas. Tal estudo trata-se de pesquisa descritiva, que assume a condição de levantamento de dados junto às duas obras infantis selecionadas. Compõem o *corpus* da pesquisa as obras literárias infantis contemporâneas supracitadas. A pesquisa foi alicerçada em procedimentos de análise, conjugando abordagem bibliográfica e descritiva na condição de levantamento. Ao analisar os livros, verificou-se que ambos possuem potencial pedagógico para levantar problematização e debate sobre a temática diversidade e ratificou-se a relevância da mediação e participação da escola nesse processo.

Palavras-chave: Diversidade. Escola. Literatura Infantil. Pedagogia.

ABSTRACT: The main goal of this research was to analyze the books: *Menina bonita do laço de fita*, by Ana Maria Machado and *Bom dia todas as cores*, by Ruth Rocha. Our focus was to think about different ways to talk about diversity in school using these books. What are the possibilities and educational ways proposed by this material? Then we understood the importance of the school in this kind of discussion about racism and segregation. For this, we analyzed the books to observe better how these themes are appearing in children's literature. About the method chosen, it was a bibliography study and descriptive approach. In the end, we concluded that the books selected for this research are a good way to discuss about

¹ Graduada em Letras - Habilitação Português/Espanhol e cursando especialização em Educação, Diversidade e Redes de Proteção Social, ambos pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). julianapriola@gmail.com.

² Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Literatura da mesma universidade. elo@unesc.net.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, n^o2, julho/dezembro 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

diversity in school. Besides that, the mediation and participation of the school and teacher in this process is indispensable.

Key-words: Diversity. School. Children's literature. Education.

1 INTRODUÇÃO

Em artigo publicado pela revista Espaço Aberto, da USP, escrito por Maria Clara Matos³ em 2009, lê-se sobre pesquisa desenvolvida pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), ligada ao MEC, e executada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), a pedido do Inep. Os números divulgados nesta pesquisa demonstram aquilo que, para quem convive em sala de aula todos os dias, não é novidade: 99,3% dos funcionários, professores e alunos apresentam algum tipo de preconceito. Numa escala de tipos de preconceito, segundo divulga Matos (2009), no ambiente escolar reinam respectivamente atitudes preconceituosas relacionadas aos seguintes grupos: portadores de deficiências especiais, negros, mulheres, idosos, pobres, homossexuais. Diante disso e das tantas notícias diárias que ouvimos e situações que presenciamos na escola, fica mais que evidente que este não é um problema resolvido no país e, portanto, carece de debate, sobretudo, na esfera educacional.

Em se tratando da realidade brasileira, os governos investiram em políticas de inclusão nos últimos anos, percebida essa necessidade que é latente e atendendo às reivindicações dos grupos militantes que buscam dizimar a intolerância e desenvolver políticas para as minorias vitimadas do preconceito. Nesse sentido, algumas leis alteraram o currículo escolar e universitário exigindo o debate sobre alguns temas, bem como o assunto tornou-se pauta de várias propagandas e campanhas governamentais. A lei 10.639/03, por exemplo, tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares, do ensino fundamental e médio. Propondo novas diretrizes curriculares, esta foi a iniciativa mais marcante na legislação naquilo que diz respeito ao compromisso da escola com a questão do preconceito. Por outro lado, não se sabe ao certo como a execução dessa legislação tem se dado nas escolas e, em virtude do que dissemos até

³ Disponível em: <http://www.usp.br/espacoaberto/?p=4461>, último acesso em março de 2017.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, n^o2, julho/dezembro 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

aqui, vimos a importância de estudar um pouco mais sobre literatura infantil a fim de analisar o quanto ela pode se tornar uma aliada nessa missão que a escola deve cumprir: a consciência sobre a diversidade na luta contra o preconceito. Obras literárias infantis se mostram capazes de, para além da fruição, apresentar oportunidades pedagógicas de trabalho com inúmeras temáticas no espaço privilegiado que é a escola. Vale ressaltar que não estamos defendendo aqui a “pedagogização da literatura”, como alerta Regina Zilberman no livro *Literatura Infantil na Escola*. Sabemos que a arte literária não deve servir apenas como instrumento pedagógico, mas estamos aqui ponderando e apresentando o potencial das obras analisadas para que se possa explorar a literatura na escola, a favor desses debates imprescindíveis. As obras analisadas nesta pesquisa apresentam oportunidades de reflexão e mostram pontos de vistas que podem abrir caminhos em direção a uma educação humana em prol da tolerância e aceitação da diversidade.

Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa⁴ é investigar o potencial dos livros infantis contemporâneos – *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado e *Bom dia todas as cores* de Ruth Rocha – para utilização em abordagem e problematização do tema diversidade na escola. Para alcançar esse objetivo geral buscamos também os seguintes objetivos específicos: refletir sobre a importância da escola nos debates sobre diversidade com foco na formação de uma sociedade menos segregadora; investigar sobre as possibilidades do trabalho com a literatura na formação da criança preparada para o mundo da diversidade; refletir sobre a forma que a temática diversidade aparece nas obras selecionadas. Tal estudo foi realizado utilizando-se de pesquisa descritiva, que assume a condição de levantamento de dados junto às duas obras infantis selecionadas.

O presente artigo está organizado e apresentado por meio de sessões. A sessão a seguir fará parte da fundamentação teórica que traz conceitos sobre diversidade e a importância da escola no trabalho com essa temática. A segunda apresenta a importância da literatura infantil para formação humana. A terceira traz a apresentação e análise dos livros infantis selecionados, seguida pelas considerações finais.

⁴ Esta pesquisa é fruto dos debates e estudos realizados durante a especialização em Educação, Diversidade e Redes de Proteção Social, na Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, n^o2, julho/dezembro 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

2 DIVERSIDADE E MULTICULTURALISMO: PAPEL DA ESCOLA

Embora tenha se tornado comum ouvirmos o jargão “somos todos iguais”, a verdade, por mais que pareça óbvia, é o contrário disso: somos todos diferentes. Entender a diversidade como uma condição para toda e qualquer comunidade social é o primeiro passo para aceitá-la. Mesmo dentro de um grupo que possui afinidade ideológica, racial, de faixa etária, etc., sempre haverá o diverso, o diferente. No Brasil, por vivermos sob um véu de preconceito, onde muitos tratam o racismo e a segregação como algo do passado, o óbvio também precisa ser dito e repetido: somos todos diferentes e isso compõe nossa diversidade, tão rica e peculiar à identidade do país.

Infelizmente, a maioria dos indivíduos que se enquadram no perfil de vulnerabilidade social sofre algum tipo de discriminação e carregam consigo um rastro histórico de dor e lutas por respeito e melhores oportunidades. Frente a estes apontamentos sobre diversidade e multiculturalidade, é preciso entender o papel da escola nos debates sobre diversidade com foco na formação de uma sociedade menos segregadora.

Muitas são as discussões, no ambiente de formação docente, voltadas para que se possa explorar a pluralidade reunida no ambiente escolar a favor do enriquecimento da ação educativa, no sentido de se conseguir atender à proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que prevêem que os professores trabalhem a diversidade como conteúdo transversal em todas as disciplinas, bem como os conteúdos atitudinais que ensinam o respeito ao próximo e a formação humana.

Segundo D'Ambrosio (1996, p. 21) “Conviver sem arrogância, sem prepotência, sem agressividade com o diferente é, para a espécie humana, transcender seu comportamento puramente animal.” Diante disso, é indiscutível o fundamental papel da escola, enquanto espaço de trans-formação pelo conhecimento, no desenvolvimento de um ser humano que consiga conviver em sociedade, liberto do preconceito arraigado perante o diferente.

[...] o que salta aos olhos quando olhamos o mundo de hoje é, precisamente, a realidade de que nosso mundo é um mundo no qual a presença de seres diferentes aos demais, diferentes a esses demais caracterizados pelo espelhismo da normalidade, é vivida como uma grande perturbação. (FERRE, p. 197)

Para melhor discutir o processo que envolve apontar ao diferente e submetê-lo a situações que causam dor e baixa auto-estima é importante também conceituar aquilo que a literatura trata como multiculturalismo. Segundo Torres (2001, p. 196) “Qualquer que seja sua forma ou colorido, o multiculturalismo está relacionado com a política das diferenças e com o surgimento das lutas sociais contra as sociedades racistas, sexistas e classistas.”

Para Torres (2001, p.196) o multiculturalismo como movimento social “[...] é uma orientação filosófica, teórica e política que não se restringe à reforma escolar, e que aborda o tema das relações de raça, sexo e classe na grande sociedade”, já como movimento programático de reforma “[...] a educação liberal multicultural visa garantir igualdade nas escolas. Neste contexto, os segmentos mais liberais do movimento consideram que uma de suas metas centrais é desenvolver uma ideia de tolerância multicultural” (TORRES, 2001, p. 197).

Ainda para o autor, a educação multicultural que inclui a aplicação de abordagens sobre a história e as contribuições dos grupos étnicos, usualmente esquecidos pelo currículo, levará ao desenvolvimento pessoal e conseqüentemente ao orgulho da própria identidade, mas para isso é preciso de mudança de atitudes e valores, desafiando preconceito, estereótipos, etnocentrismo e racismo para promover a competência multicultural que significa saber interagir com pessoas diferentes de nós e compreender as diferenças culturais. TORRES (2001, p.202)

Para promover esse conhecimento necessário à tolerância social na diferença precisamos reclamar uma educação atenta ao multiculturalismo, para isso o processo educacional enquanto formação humana que abarca a educação escolar é uma estratégia, principalmente no que se refere à construção do conhecimento de modo que a diferença cultural não seja encarada como um problema.

Sabe-se que promover a mudança de atitudes e concepção não é fácil, o papel contributivo da escola nessa transformação precisa de aliados na desconstrução dos preconceitos já formados há décadas e bastante marcados no ambiente familiar dos alunos e dos próprios educadores. Para essa contribuição da escola acontecer os professores precisam, e muito, de formação continuada que os habilite para lidar melhor com o multiculturalismo que habita as salas de aula.

Preconceitos também nascem em casa. A criança é como uma esponja, que vai sugando o que percebe, ouve, sente. A forma como os pais se tratam e tratam os outros, comentários sobre culturas diferentes, posicionamentos ideológicos contra determinada classe social, condição econômica, gênero, etnia, orientação sexual etc., vão aos poucos povoando uma mente que ainda não tem poder para separar o joio do trigo. Além da covardia com que alguns maridos tratam suas mulheres, ou vice-versa. E tudo isso vai sendo despejado numa mente ainda em formação. (CHALITA, 2008, p. 23)

Desconstruir aquilo que foi, mesmo que sem consciência dos pais e familiares, construído no lar, considerando o fato de que a cultura do preconceito ainda tem grande espaço nos ambientes familiares e se multiplica para os demais espaços sociais, é tarefa grandiosa e difícil. Muitos fatores influenciam no sucesso dessa tarefa. Um deles com certeza é a formação continuada do corpo docente, bem como a avaliação frequente do currículo escolar de acordo com a realidade de cada de escola.

Como proposta para encarar esse desafio é que estamos sugerindo uma análise de obras literárias, de modo a explorar o quanto o campo literário pode colaborar nessa missão rumo ao festejo pela diversidade. Já tendo sido reconhecido a importância da escola nesse processo, buscamos no próximo momento deste artigo identificar as contribuições que a literatura infantil pode trazer para a formação humana que compreende as diferenças culturais.

3 A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

A literatura possui relação direta com a palavra escrita, com a arte e com a sociedade. Dependendo da forma como o texto literário for abordado na escola pode colaborar na formação do cidadão, já que oferece matéria para reflexão e crítica. Dessa forma, investigar sobre as possibilidades do trabalho em sala de aula com a literatura infantil para a formação da criança preparada para o mundo da diversidade pode ser tarefa relevante.

Segundo Lajolo (1982, p.17) “Para que um texto seja considerado literatura é preciso algo mais do que o livre trânsito entre seu autor e um eventual leitor. Parece ser necessário o aval dos canais competentes”. Observa-se que aquilo que é literário perdura no tempo; mesmo se passando anos serão textos lidos e estudados, mas para que esse texto seja

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº2, julho/dezembro 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

considerado literário há algumas instâncias responsáveis por referendar a literariedade, mesmo que seja pela crítica.

A literatura leva ao extremo a ambigüidade da linguagem: ao mesmo tempo em que cola o homem às coisas, diminuindo o espaço entre o nome e o objeto nomeado, a literatura dá a medida do artificial e do provisório da relação. Sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança e, no limite, a irredutibilidade de cada ser. É, pois, esta linguagem instauradora de realidades e fundante de sentidos a linguagem de que se tece a literatura. (LAJOLO, 1982, p.37)

Pode-se então dizer que o modo como a linguagem é conduzida em uma obra colabora para a determinação, entre tantos outros fatores, de sua literariedade, pois na literatura o modo como se diz faz toda diferença.

Para os estudiosos da teoria literária Wellek e Warren (2003), há três possíveis definições para literatura: uma delas é entender como literatura tudo que foi impresso, dessa maneira, um estudo sobre a profissão médica no século XIV torna-se um estudo literário. A outra forma é limitá-la aos livros que seja qual for o tema se destaca pela forma ou expressão literária. A última maneira é perceber o uso particular dado à língua na literatura, já que ela comunica o tom e a postura do escritor ou falante e tenta persuadir e influenciar a postura do leitor. Hoje em dia, as fronteiras de definição entre o que pode ou não ser considerado literatura são muito mais complexas do que se pode imaginar, a ponto de não termos mais uma definição exata para tal classificação. Sempre que tentarmos definir literatura, precisaremos elencar critérios de acordo com o objetivo da classificação e o grupo social no seu entorno, mas este não é nosso objetivo.

A literatura por meio da linguagem possibilita ao leitor criar mundos e possibilidades, embora o autor possa ter a realidade como ponto de partida para sua criação; aliás, esse é um quesito bastante presente nas obras; a história vivida e sofrida pelos indivíduos está quase sempre presente (LAJOLO, 1982). Até mesmo quando o escritor cria um lugar imaginário, a criação pode ter relação com a realidade, já que a utopia foi elaborada a partir da realidade vista por quem escreve. Quem lê também tem participação ativa na história, pois as vivências individuais influenciam na interpretação do que foi escrito.

[...] os documentos refletem sempre os olhos que os escreveram e quase sempre os que os lêem. Lidando com eles, a escolha não é minha nem sua; e até a nossa literatura é filtrada pela distância e pelas vivências: o que não temos do passado, e a que temos do presente. (LAJOLO, 1982, p.49)

Lajolo (1982, p.43) entende que o caráter humanizante e formador da literatura não vem do papel de transmitir informações, mas sim de criar, pois segundo a autora, a literatura “Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, só não existente para cada um. E, o que é fundamental, ao mesmo tempo que cria, aponta para o provisório da criação.”

A formação do leitor que lê literatura de modo ativo e crítico – ou seja, o leitor literário – é caminho fundamental para que possamos tentar construir uma sociedade mais consciente de suas mazelas. Não se pode afirmar que a literatura, por si só, pode melhorar as pessoas, mas ela pode ajudar no sentido de formação crítica e construção de autonomia. Zilberman (1988, p.21) diz que “[...] é a mudança do indivíduo em leitor que, do ângulo individual, oferece o requisito primeiro para a atuação política numa sociedade democrática.”

Também para Zilberman (1988, p.55)

Num país em que a cultura duvida de sua nacionalidade e permanece pesquisando sua identidade, uma política de leitura que torne o livro popular sem que este abdique de seu compromisso com o saber e a arte é fundamental, porque consiste na possibilidade de ruptura com a dependência.

Sendo a leitura uma cultura primordial para instituição da capacidade de pensar por si próprio, participar da política e da democracia, o maior legado que a escola pode deixar para aqueles que foram seus alunos é o hábito da leitura literária e a capacidade de refletir sobre aquilo que se lê.

Zilberman (1988, p.52) também entende que não é possível se popularizar a cultura literária convertendo os clássicos em exemplo de valores ideais inquestionáveis; a popularização da cultura acontece quando os grupos menos favorecidos da sociedade podem se perceber como sujeitos da criação cultural. É justamente quando ocorre certa representação do real que o sujeito consegue dialogar a partir de suas experiências.

A leitura literária tem conteúdo ideal para estabelecer relação com as experiências do indivíduo que lê, pois não é difícil se encontrar como sujeito do texto, sendo que esse diálogo pode contribuir para a constituição da leitura em uma prática diária, mas essa aproximação entre texto e leitor pode não ser fácil. A escola tem papel de destaque nessa tarefa, já que pode mediar essa relação entre livro e aluno para o diálogo e a reflexão sobre aquilo que lê, cuidando para que a autonomia na leitura seja possível e possibilite, assim, a continuação dessa prática em sua vida social.

Freire (1988, p. 31) afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Pensando nisso, podemos dizer que as experiências de vida e a forma de visualizar o mundo do leitor influenciam em sua leitura da palavra. Nesse sentido, compete à escola ensinar os alunos a ler literatura e principalmente a estabelecer essa relação entre o mundo e aquilo que lê, pois é, justamente, essa interação entre a leitura de mundo e a leitura da palavra que fará com que o indivíduo consiga se posicionar nas mais variadas situações cotidianas.

Falando mais especificamente sobre a literatura infantil, esta é uma forma literária escrita para crianças, mas é antes de tudo literatura, que é arte. Por isso, não deve ser diminuída como estilo de menos valor.

Segundo Coelho (2000, p. 31) o livro infantil pode ser interpretado como sendo uma comunicação escrita por um adulto para um leitor que é uma criança, desse modo o ato de ler ou ouvir torna-se aprendizagem, se considerado que o escritor experiente fala a uma criança que, embora já tenha suas noções sobre o mundo ao seu redor, ainda não possui tantas experiências quanto um adulto. A mesma autora também menciona que a valorização da literatura infantil na vida cultural das sociedades e a identificação como colaboradora na formação de mentes infantis e juvenis é bastante recente.

Buscando o percurso histórico da literatura infantil, identificou-se que na origem muitas histórias surgiram destinadas ao público adulto e posteriormente se transformaram em literatura para crianças. Dentre os fatores comuns entre as histórias que passaram a interessar os pequenos estão as histórias populares ou nascidas no meio culto, mas que se popularizaram em adaptações. Vale frisar que em todas essas histórias é perceptível a intenção de trabalhar com determinados valores ou padrões com o intuito de que esses fossem respeitados pela comunidade ou incorporados pelos indivíduos leitores. (COELHO, 2000, p.41)

Quando praticado o ato de leitura literária, esse proporciona ao leitor conhecer a consciência de mundo presente na obra que se assimilada pode proporcionar a transformação. Coelho (2000, p.51) fala da importância da orientação para que a assimilação aconteça:

Daí a importância que se atribui, hoje, à orientação a ser dada às crianças, no sentido de que, ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que elas estão descobrindo dia-a-dia e onde elas precisam aprender a se situar com segurança, para nele poder agir.

Nesse contexto, o docente da educação infantil precisa estar preparado para direcionar os pequenos em primeiro lugar motivando a prática e hábito de leitura e depois no processo de enxergar para além do artístico, provocando reflexões sobre o texto lido que pode influenciar na consciência de mundo dos indivíduos em formação. É assim que se pode executar o poder da literatura como colaboradora na transformação da sociedade, por meio de novas formas de ver e de pensar, a partir de reflexões literárias. Coelho (2000, p.15) confirma esse poder da literatura infantil ao dizer que a literatura, em especial a infantil “[...] tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola”.

É perceptível que nos últimos anos no Brasil houve crescimento no número de obras destinadas ao público infantil com temáticas voltadas a questões da diferença, envolvendo assuntos como gênero, preconceito racial, vários tipos de deficiência, infância pobre e etc. Segundo Kirchof e Silveira (2008) isso se deve à tendência internacional no campo da crítica da literatura infantil e às várias políticas de inclusão adotadas pelos governos federais e estaduais, inclusive à lei que citamos na introdução.

Na luta para combater o desrespeito ao outro em suas diferenças e às intolerâncias raciais, que muitas vezes beiram ao ódio, arraigadas em nossa história, a literatura e em especial a infantil tem deixado suas contribuições com obras que podem proporcionar reflexão, possibilitando outras formas de encarar a diversidade. Para Coelho (2000, p.15) “Na literatura, essa luta já está evidente. Na infantil mesclam-se, em pé de igualdade, personagens

das várias raças, e também é abordado frontalmente o problema do racismo, considerado como uma das grandes injustiças humanas e sociais.”

No século XXI, muitos são os escritores engajados em apresentar em suas criações os mais diversos tipos de personagens. Estes distribuem papéis procurando não deixar margem para interpretações que possam proferir o preconceito para com as diferenças raciais ou sociais apresentadas no enredo. Nesse sentido, o próximo passo foi analisar as duas obras que compõem o objeto de análise desta pesquisa.

4 DAS CORES AO LAÇO: ANÁLISE DAS OBRAS

A obra *Bom Dia, Todas as Cores!*, de Ruth Rocha, conta a história do Camaleão que acordou de bom humor num lindo dia de sol, mudou sua cor para cor-de-rosa, a cor que achava mais bonita, e saiu de casa. Ao andar pela floresta encontrou vários amigos e cada um usou de argumentos para sugerir ao Camaleão que trocasse de cor, como o Camaleão acordou disposto a ser bonzinho com todos, atendeu às sugestões e mudou de rosa para azul, de azul para alaranjado, de laranja para verde, de verde para encarnado, de preto para branco e etc. Quando o sol começou a se pôr no horizonte, Camaleão voltou para casa, cansado do passeio e de tanto mudar de cor. Isso levou o personagem a refletir que por mais esforço que se faça para agradar a todos, os gostos são diferentes. No outro dia, o Camaleão acordou e colocou a cor que mais gostava e saiu contente, logo encontrou quem viu a sua cor como engraçada, desbotada, antiga e sugerisse outra cor, mas desta vez Camaleão sorriu e disse que usava as cores que gostava, pois quem “Não agrada a si mesmo, não pode agradar ninguém...” (ROCHA, 2013, p.35).

A obra *Menina Bonita de Laço de Fita* relata a história de uma menina negra por quem um coelho branco tinha muita admiração, por isso sempre questionava a menina sobre seu segredo para ser tão bonita. Como a menina desconhecia a origem de sua cor, inventou respostas como “caí na tinta preta”, “tomei muito café”, “comi muita jabuticaba”. O coelho tentou seguir as receitas, mas não obteve êxito na mudança de cor. Foi então que resolveu perguntar novamente e a mãe da menina respondeu que se tratava de “Artes de uma avó preta

que ela tinha...” (MACHADO, 1986, s/p). Foi então que o coelho percebeu que provavelmente essa deveria ser a verdade, pois sempre nos parecemos com familiares. Desse modo, concluiu que se quisesse ter uma filha pretinha e linda, como a menina, precisaria casar com uma coelha preta. O coelho branco casou-se e tiveram uma ninhada de filhotes. Entre eles, uma coelha pretinha que se tornou afilhada da menina bonita do laço de fita.

Ambos os enredos são diferentes, mas trazem consigo uma mensagem de aceitação à diversidade, valorizando aquilo que foge ao padrão incutido na sociedade como “natural”. No primeiro enredo, todos ao redor do camaleão querem dizer como ele deve ser. Enquanto o coelho se pergunta por que ele é de uma cor e a menina de outra. Temos aí em comum dois personagens buscando por suas identidades. Por se tratar de uma literatura infantil contemporânea, notamos a relação com as identidades descentrada de Stuart Hall (2015). Os personagens sujeitos não se identificam apenas com um jeito de ser. O que nos mostra como é o sujeito pós-moderno hoje. Para o autor Hall “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do ‘eu’ coerente.” (HALL, 2015, p.13).

Em “Bom Dia, Todas as Cores!” é evidente que o gosto por essa ou aquela cor é individual, cada um tem seus argumentos para a escolha ou não têm argumentos, simplesmente gosta mais dessa ou daquela. A história prevê o respeito às individualidades, o que nos lembra o que foi dito anteriormente sobre sermos diferentes, diversos. A história de Ruth Rocha é um brinde à diversidade.

Em função disso, essa obra se apresenta como uma oportunidade de desenvolver posturas menos intolerantes com relação à diversidade. Seja num movimento de leitura livre ou direcionada, sob mediação de um professor, como sugere Coelho (2000), este enredo pode despertar na criança essa mesma aceitação do diferente. Assim, a literatura infantil realiza seu poder.

Há determinado ponto da história que o narrador apresenta a facilidade de mudança de opinião do Camaleão e dificuldade de dizer não “Vocês agora já sabem como era o Camaleão. Bastava que algum falasse, mudava de opinião. [...] Ficava de toda cor, não sabia dizer não.” (ROCHA, 2013, p. 20) Retratando que para agradar aos amigos, ele se “vestia” de cores que não eram a sua escolha que não demonstravam a sua identidade. Nesse contexto,

podemos perceber a oportunidade de abordar questões como auto-estima e identidade a partir da obra. Aceitar as diferenças é aceitar também as diferentes preferências. O que está implícito nesse enredo é o incentivo ao respeito.

Na obra *Menina Bonita do Laço de Fita*, Ana Maria Machado traz uma menina negra como protagonista e nesse desenrolar não há espaços para preconceito racial e, mais que isso, apresenta a valorização do negro, enaltecendo a beleza da menina “Era uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os Cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pêlo da pantera negra quando pula na chuva.” (MACHADO, 1986, s/p)

Considerando que de forma interativa a autora traz a valorização do negro, essa pode ser uma opção para a mediação da leitura na escola, pois a partir dela, pode-se abordar temas como o multiculturalismo e diversidade, bem como, a exemplo também da obra de Ruth Rocha, o respeito ao próximo. Ao descrever a beleza da menina, a autora foge do padrão eurocêntrico das princesas loiras de olhos azuis que costumam protagonizar muitas obras até hoje: “Ainda por cima, a mãe gostava de fazer transinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.” (MACHADO, 1986, s/p). Esse imaginário de personagens brancas e elitizadas já vem sendo desconstruído de várias formas na Literatura Infantil brasileira. A obra de Ana Maria Machado cumpre seu papel em trazer novos valores para dentro das histórias infantis. Aqui, vemos uma menina negra descobrindo suas origens e seu passado, cultuando com a mãe e avó a beleza de sua origem, sem desprestígio, sem segregação.

Se pensarmos no poder de identificação que uma obra literária pode provocar numa criança, podemos imaginar muitas meninas negras que se sentiram representadas de modo encantador. Essa é uma das possibilidades que a literatura pode oferecer. Do mesmo modo, em sala de aula, meninas e meninos podem se deparar com esses personagens e repensarem suas posições em sua rotina escolar. Reflexões como essas podem ser mediadas pelo professor na escola, abrindo canal para debate sobre diversidade e multiculturalismo.

As duas obras analisadas, portanto, abrem caminhos para se pensar na diversidade. Como disse Lajolo (2000) a literatura pode trazer leituras diferentes da realidade, bem como pode abrir diálogo com determinado leitor. Quando a literatura se torna

diversificada, fugindo do padrão tradicional da cultura colonizadora, ela também colabora para que a realidade a nossa volta se construa de modo um pouco mais diversificada também.

Por fim, podemos notar que as duas obras aqui analisadas falam dos novos valores e tentam combater alguns valores tradicionais, aqueles explicitados por Coelho (2000) anteriormente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, ratificamos a importância de se debater assuntos relacionados ao preconceito e respeito à diversidade. Os números trazidos na introdução ainda nos rodeiam, ainda nos oprimem. O trabalho em sala de aula continua sendo atravessado por essa cultura de ódio e violência, seja ela verbal, física ou psicológica. Crianças, adolescentes, professores ainda sofrem todos os dias algum tipo de discriminação. São camaleões que ainda não tiveram apoio o suficiente para assumirem suas “cores” preferidas, seus verdadeiros desejos e identidades. São meninas, que ainda não se descobriram bonitas, que ainda não encontraram seu laço ou seu amigo coelho, ou sua mãe e avó tão bem resolvidas. A realidade das crianças e jovens em sala de aula é muito pior dessa apresentada nos livros.

Porém, isso apenas fortalece a importância de histórias como essas, que problematizam de modo sutil, sem perder a literariedade, questões tão urgentes. Também fortalece a importância de pesquisas nessa área. Pesquisas que ajudem profissionais da educação a tirarem a lei 10.639/03 do papel e colocarem-na em prática em sua rotina escolar. Já temos parâmetros e documentos oficiais com bom nível de sensatez quanto a essas questões. Precisamos encontrar caminhos para reunir a teoria à prática, como nos incita Paulo Freire em toda a sua obra.

Quanto à literatura, não quisemos defender aqui que ela seja mero instrumento pedagógico. Isso a reduziria em seu potencial. Mas estamos reforçando o quanto ela pode ser aliada nos movimentos de formação de leitor literário e, sobretudo, de sujeitos autônomos que pensam e problematizam aquilo que lêem. Os dois livros analisados podem ser usados de maneira livre em casa, ou de modo conduzido e mediado pelo professor em sala de aula. Dos dois jeitos, é possível que haja a formação do sujeito tolerante e leitor reflexivo.

A escola tem especial importância na promoção dos debates sobre diversidade, mas a formação do indivíduo não acontece somente pela educação escolar, embora essa tenha significativa importância e tem atendido ao chamado para discutir o assunto; apresentou-se como evidente e necessária a possibilidade de contribuição efetiva da literatura na formação do cidadão, de modo especial a literatura infantil e sua real capacidade de agente formadora de uma nova mentalidade; a análise das obras revelou potencial para abordagens pedagógicas envolvendo as temáticas diversidade, racismo e multiculturalidade. Vale dizer ainda que quanto o assunto for literatura infantil na escola, é preciso lembrar o quanto a formação continuada do professor como mediador de leitura e formador de leitores literários é fundamental.

Dando resposta aos objetivos propostos e à pergunta do título: sim, a literatura infantil na escola pode ser um caminho para a aceitação da diversidade. Este é o mesmo caminho apontado por Paulo Freire, o caminho daqueles que decidem ler a palavra e o mundo.

REFERÊNCIAS

CHALITA, Gabriel Benedito Issaac. . **Pedagogia da amizade: bullying o sofrimento das vítimas e dos agressores.** São Paulo: Gente, 2008. 281p.

COELHO, Nelly Novaes. . **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000. 287 p.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Globalização e multiculturalismo.** Blumenau, SC: Ed. FURB, 1996. 95 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 22 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1988. 80 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 102 p.

KIRCHOF, Edgar Roberto; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Professoras moralizadoras, normalizadoras ou ausentes:** A literatura infantil retratando as diferenças. Florianópolis, Anuário da Literatura, vol. 13, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2008v13n2p56> .Acesso em: 12 dez. 2016.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1982. 98 p.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos(Org.). Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. In. FERRE, Nuria Perez de Lara. **Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 302 p.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita.** São Paulo: Ed. Ática, 1986.

MATOS, Maria Clara. **O preconceito em números.** Revista aberta, São Paulo–SP, 2009. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/?p=4461>> Acesso em 05 de mar 2017.

ROCHA, Ruth. **Bom dia, todas as cores!** 18. Ed. São Paulo: Salamandra, 2013.

TORRES, Carlos Alberto. **Democracia, educação e multiculturalismo:** dilemas da cidadania em um mundo globalizado. Petropolis, RJ: Vozes, 2001. 317 p.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários.** Tradução de BORGES, Luis Carlos. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 431 p.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura.** São Paulo: Contexto, 1988. 146 p.

_____. **A literatura infantil na escola.** 10 Ed. São Paulo: Global, 1998.